

O Emprego Da Vírgula Em Posts Do Facebook

THE USE OF COMMA IN FACEBOOK

Carlos Henrique Alves **VIEIRA**¹

Resumo: Este artigo aborda e analisa os erros de uso da vírgula na mídia social *Facebook*. Primeiramente, começa falando de todos os processos de revolução na comunicação e das suas vantagens para dar velocidade e praticidade ao processamento de muitas informações que circulam em variados canais de comunicação por volta do mundo e mais especificamente no Brasil. Ao mesmo tempo, descreve como a Língua Portuguesa é usada nas mídias sociais. Depois, identifica os maiores erros no uso da vírgula nessa mídia social e as prováveis causas de suas incidências. Ao final, apresenta sugestões para resolver esse problema e evitar a sua recorrência.

Palavras-chave: Facebook. Vírgula. Uso. Erro.

Abstract: This article boards and analyzes the wrong uses of comma in the social media Facebook. First of all, it begins telling of all processes of revolution in the communication and her advantages for give speed and practicality to processing of many information who rounds in several communication channels around the world and more specifically in Brazil, in the same time describe how the Portuguese Language is used in the social medias. After that, identifies the majors mistakes in the use of comma in this social media and the feasible causes of her incident. Ultimately, presents suggestions to resolve this problem and to avoid the return of his incident.

Keywords: Facebook. Comma. Use. Wrong.

Introdução

Nos tempos da informatização em massa, a veiculação de textos nas redes sociais é muito extensa. Segundo Vilaça e Araújo (2012), a sociedade contemporânea dispõe de um verdadeiro "arsenal" comunicativo, que a leva a uma velocidade de informações nunca vista em outros tempos e é a tecnologia digital a ponte que integra o homem moderno ao mundo globalizado, à sua cultura, ao seu desenvolvimento sociocultural.

Observam-se textos de todas as modalidades e com diversificados fins: mensagens de autoajuda, informações diversas, pensamentos, críticas, poesia, publicidade, entre muitas outros. Fato que coloca o usuário em permanente contato com a leitura, interpretação e elaboração de textos, seja no *Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp*, *blogs* e no extinto *Orkut*, que são os exemplos de

¹ Mestrando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás, regional Catalão. Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEDF) entre os anos de 2011 a 2014. Endereço eletrônico: carlos_poeta10@hotmail.com.

mídias sociais mais utilizadas em todo o mundo nesse processo de informatização democrática e acessível aos diversos níveis sociais, econômicos e culturais.

Consoante às afirmações de Poster (2000), as linguagens atuais, ou melhor, os sistemas de comunicação eletrônicos são determinantes na vida social dos indivíduos em âmbitos sociais, políticos, econômicos e culturais, reconfigurando, assim, a linguagem e os seus novos usos. Exatamente por isso, Komesu (2004) ressalta a importância de se conhecer “mais de perto” os gêneros digitais em toda a sua amplitude, pois assim estaremos mais conscientes das novas modalidades de comunicação e do seu papel determinante na vida social do homem moderno.

Com esse intenso e extenso acesso às mídias sociais, fica mais evidente o uso da língua, isto é, como é manipulada direta e publicamente, mais exatamente com a leitura, interpretação e produção de textos nesses canais. É bem verdade que, regularmente, são observados muitos empregos errôneos das regras gramaticais, o que pode ser um sério problema para o entendimento dos textos. Um exemplo disso é o caso da vírgula, que é um sinal de pontuação fundamental para o emprego da pausa nas sentenças linguísticas e conseqüentemente para a correta associação semântica do conteúdo.

Um texto de grande circulação na internet sobre o uso da vírgula, mas de autoria desconhecida, foi utilizado pela ABI (Associação Brasileira de Imprensa) em comemoração ao seu centenário e demonstra a necessidade da vírgula para o sentido dos textos:

Sobre a Vírgula

Vírgula pode ser uma pausa... ou não.
 Não, espere.
 Não espere...

Ela pode sumir com seu dinheiro.
 23,4.
 2,34.

Pode ser autoritária.
 Aceito, obrigado.
 Aceito obrigado.

Pode criar heróis...
 Isso só, ele resolve.
 Isso só ele resolve.
 E vilões.
 Esse, juiz, é corrupto.
 Esse juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.
 Vamos perder, nada foi resolvido.

Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não, queremos saber.

Uma vírgula muda tudo.

ABI: 100 anos lutando para quem ninguém mude nenhuma vírgula da sua informação.

Este texto introdutório demonstra bem como o emprego exato da vírgula é necessário para a comunicação escrita. Segundo Bechara (2009), a vírgula é o sinal gráfico de pontuação responsável pela separação, ou seja, ela representa a separação entre os elementos textuais, tanto os de ordem sintática, quanto os de ordem semântica, uma vez que essas duas relações são complementares na língua e constroem, assim, o sentido de um texto. Cegalla (2008) também reflete sobre o uso e a importância da vírgula no processo comunicativo:

- a) Assinalar as pausas e as inflexões da voz (a entonação) na leitura;
- b) Separar palavras, expressões e orações que devem ser destacadas;
- c) Esclarecer o sentido da frase, afastando qualquer ambiguidade. (CEGALLA, 2008, p. 428).

As considerações feitas pelos gramáticos e também pelo autor desconhecido demonstram a real necessidade da vírgula como "agente" na produção textual e de sentidos. Todavia, como tem sido a sua aplicabilidade na linguagem midiática? Como o seu uso se comporta no *Facebook*? Será que, pelo fato de se tratar de uma linguagem veloz e prática, o seu uso pode se tornar arbitrário para fortalecer a proposta estabelecida por essa linguagem (maior velocidade na reprodução das informações)? Será que abrir mão do uso da vírgula ou usá-la inadequadamente pode trazer mais rapidez nas informações sem prejuízo de quaisquer naturezas?

Pelo que foi constatado anteriormente, a inobservância das regras de pontuação, como no caso da vírgula, pode comprometer o sentido e, como consequência, a interpretação de qualquer texto. Não podem ser usadas arbitrariamente, mas devem ter sentido no uso para trazer sentido ao texto e à sua construção.

A linguagem utilizada no *Facebook* é muito rápida, como já dito, mas não pode rejeitar as regras gramaticais de quaisquer ordens, pois todo texto quer informar e/ou dizer algo, mas nem sempre é o que acontece, pois vários fatores podem contribuir para que a mensagem não seja plena. O autor e o receptor do texto têm "responsabilidade" na construção do sentido, respectivamente: como se escreve e como se lê. Como dizem Fuzer e Cabral (2104), "o texto" é um evento intersubjetivo, ou seja, é concebido numa relação de troca e, ao mesmo tempo, subjetivo "no que se diz e no que "se interpreta e/ou infere".

Entretanto, é importante observar, aqui, se essa questão específica da vírgula está associada à defasagem no ensino de língua na escola ou mesmo pelo fator do uso midiático da mesma, que, talvez, possam ser facilitadores da ocorrência desse processo.

Como o acesso às redes sociais é muito abrangente, pode-se, pressupostamente, relacionar a esse processo também os diferentes níveis de escolaridade como um dos possíveis responsáveis diretos por esse fenômeno. Supõe-se, pois, que quanto menor o nível escolar, maior será a defasagem e desconhecimento das regras de vírgula, já que o ensino de língua na escola ocorre em gradação de conteúdos.

Por exemplo, o ensino da sintaxe na escola tem seu início variado, às vezes no 7º ano, às vezes no 8º ano e, evidentemente, o usuário da língua que não chegou a essas séries dificilmente terá as noções prévias dessas regras sintáticas. Não sabem o que caracteriza o sujeito e o predicado (que nunca devem ser separados por vírgula ou qualquer outro sinal de pontuação) da oração. Também não sabem identificar, muitas vezes, o verbo e, ainda menos, o seu complemento, que também não é separado da palavra que o rege (no caso, o verbo).

Para Santos (2001, p.22), é o vestibular o marcador principal da aptidão do estudante para a produção textual (que envolve naturalmente a questão da pontuação), de modo que a sua redação é o tipo de texto estável e oficial para o ingresso na universidade e, como consequência, para a inserção no âmbito e nas relações de prestígio social. Infere-se, então, que no Ensino Médio a competência do uso da pontuação deve ser mais efetiva.

Todas essas problematizações são passíveis de discussão, já que são fundamentais para o entendimento do uso incorreto da vírgula nas redes sociais e, mais especificamente, no *Facebook*, que é, seguramente, a rede mais utilizada no país, pois, segundo o Nuvem Blog (2013), são 65 milhões de usuários, atrás apenas dos EUA. Diante dessa expansão, fica evidente que o uso de textos escritos também se multiplicou. Como será a relação desses textos com as 28 regras básicas para o bom uso da vírgula, que devem ser utilizadas constantemente segundo Sacconi (2004)?

O porquê da investigação

Todo esse poder comunicativo das redes sociais no geral e do *Facebook*, segunda as estatísticas acima apresentadas, levou a grandes mudanças no uso da língua, como as abreviações tão famosas e necessárias ao processamento dessa linguagem veloz, tais como: você (vc); também (tb); fim de semana (fds); entre tantas outras.

De acordo com a argumentação de Diniz (2008), estamos diante de novas práticas sociais de comunicação e escrita, que oferecem maior velocidade na informação, na aquisição de

conhecimentos e que não há registros de significativos problemas referentes à efetivação desse processo, especialmente no que tange ao ato comunicativo em si. Em contrapartida, observa-se que a linguagem midiática proporciona a constatação de algumas falhas no uso das competências gramaticais, mais especificamente no uso dos sinais de pontuação, como é o caso da vírgula. O uso constante do *Facebook* é um grande aliado na percepção desse fato e também o grande motivador deste trabalho.

O uso da pontuação é inerente ao processo da construção textual, pois é ele que realiza as "divisões semântico-sintáticas" e, evidentemente, todo texto utilizado para a comunicação referencial que não faça o seu bom uso terá problemas em sua significação. O que pode ser diferente nos textos em que se utilizam recursos estilísticos de pontuação. Um pertinente cânone destes usos são os textos de José Saramago, nos quais a vírgula é utilizada, por exemplo, como ponto final, de acordo com as afirmações de Coutinho (2010). No entanto, é fato que a pontuação nesse contexto (literário), embora usada diferentemente do tradicional, sofre uma espécie de "convenção" entre o autor e os seus leitores, ou seja, vai haver um novo estilo de pontuação, mas que também realiza as divisões das estruturas textuais: sintagmas, orações, parágrafos, etc.

Os *posts* encontrados no *Facebook*, em sua maioria, não se enquadram em exemplos como o de Saramago e possuem inúmeros desvios das regras do uso de vírgula, principalmente nas relações sujeito/predicado e verbo/complementos, situação que justifica uma investigação mais detalhada desse fato linguístico, pois as redes sociais, tal como a citada, têm alcance em massa e o uso linguístico nelas merece atenção e cuidado.

É fundamental ser ressaltado aqui que as noções de erro no emprego da vírgula são, como relacionado acima, baseadas no contexto referencial da língua e da gramática prescritiva, o mesmo descrito por Santos (2001) e referente ao uso socionormativo da língua, aquele que oferece promoção social ao indivíduo, o acesso ao mundo acadêmico/do trabalho, etc.

Como será visto na próxima seção, a comunicação no mundo digital, especialmente nas redes sociais, permite, também, a utilização da língua mais informalmente, o que pode ser entendido como uma característica própria desse sistema e da evolução natural da língua em consonância com o desenvolvimento tecnológico. Entretanto, não foram encontradas pesquisas e/ou discussões relacionadas à vírgula nessa situação de informalidade na internet.

Há a iminência de a internet ser o principal recurso de informações ou mesmo da educação em contexto mundial e o uso da língua é inerente a esse processo, já que jamais se dissiparão a comunicação verbal, o uso das palavras, do conjunto de palavras, das frases e das orações, independentemente do quão avançada seja a tecnologia, os canais de comunicação, a

troca de informações, etc. Por isso, é importante uma tentativa de situar o uso normativo da língua nesse meio e como se processa essa relação. Aqui, será tratado o caso específico do emprego da vírgula em textos que circulam no *Facebook*.

Língua e Internet

Muitas teorias veem a língua como um sistema pertencente ao meio social, isto é, um produto de uma dada sociedade, que serve para dar ao homem condições necessárias de relacionar-se, de produzir significados e, por fim, comunicar-se. Para a Gramática Sistêmico-Funcional, a língua é absolutamente um fenômeno social, sempre utilizada em meio social, seja na sua manifestação oral, seja na escrita.

Halliday (1996) diz que independente das escolhas feitas individualmente no uso da língua, toda e qualquer produção de sentido será captada ou absorvida pelo destinatário da mensagem. Isso se deve ao fator social da língua ou, mais precisamente, ao sistema social de códigos a que ela pertence. Ainda, de acordo com o mesmo autor, os significados produzidos na língua são interligados a duas situações sociais: o contexto de situação e o contexto de cultura. O primeiro refere-se, em termos mais práticos, à questão da adequabilidade do texto ao ambiente no qual é produzido. O segundo pode ser entendido como “o gênero”, ou seja, um sistema de texto estruturado em partes, produzido em meios específicos e com fins específicos, segundo Halliday (1994).

A comunicação na sociedade moderna tem muitos privilégios se comparada com as de outros tempos. Nela, as informações multiplicam-se incrivelmente, fato que se deve ao desenvolvimento da tecnologia, que é avançadíssima e permite essa gama de possibilidades de trocar informações, comunicar-se sem mesmo “sair do lugar”, somente apertando algumas teclas, seja do telefone móvel, seja do computador, seja do tablete.

Todo esse processo teve início com o advento da internet, a rede mundial de computadores, que hoje é acessível a todos os níveis sociais do país, pois ela está disponível em diversos canais de transmissão, como nos referidos aparelhos, sendo assim, atinge uma parcela muito grande ou quase a totalidade da população dos países em que se tem acesso à rede, o que Lévy (2009) denomina “cibercultura”², que, evidentemente, inclui o Brasil, basta retomar aos número de usuários do *Facebook* no país, como relacionado acima.

² O autor lança essa terminologia exatamente para conceituar o período da humanidade em que as informações são processadas, em sua maioria, digitalmente e enfatiza que não se trata apenas de um processo local, pois os computadores estão mundialmente interligados por uma rede, a internet.

Tudo começou com o uso do e-mail³ (correio eletrônico), que, como relata Karasinski (2009), foi criado em 1971 nos Estados Unidos e foi evoluindo gradativamente até hoje. Ele tornou-se indispensável para diversos usos e fins, tais como: mensagens pessoais, recebimento de informações diversas, recebimento de documentos, entre tantos outros.

As informações ganharam a instantaneidade nunca oferecida anteriormente, a exemplo das cartas manuscritas distribuídas pelos Correios, que, muitas vezes, eram (e são) entregues em prazos variados, pois dependem de fatores externos à data de postagem. Mesmo que cheguem ao seu destino no menor prazo possível, nunca podem fazer frente ao e-mail, que é recebido quase instantaneamente (exceto em caso de problemas técnicos).

Pronto, bastou o advento de um recurso comunicativo como esse para surgirem outros, cada vez mais modernos e velozes, dando ao usuário o que sempre se sonhou: tempo. Agora, pode-se dizer que o mundo é “refém” de toda essa tecnologia e seria, hoje, impossível sem ela viver. Depois do e-mail, surgiram canais de comunicação na internet cada vez mais velozes e modernos, começando pelo *MSN* (troca de mensagens instantâneas), *Youtube* (Vídeos), *Orkut* (já extinto), *Blogs*, *Facebook*, *Twitter*, *Skype*, *WhatsApp*, que substituíram o e-mail em termos de praticidade e velocidade. O e-mail, de acordo com Karasinski (ibidem), é mais utilizado hoje para o recebimento de arquivos, guardar informações e para cadastramento em redes sociais.

É evidente que a necessidade do uso de todas essas mídias sociais está atrelada a distintos aspectos da vida em sociedade (pessoal, cultural, ideológico, econômico, político e social), como menciona o texto de Graciele Bottan (2010) no site Lecom: “A evolução histórica da comunicação e as mídias sociais”.

Em meio a toda essa revolução comunicativa, um fato é muito evidente: o uso da linguagem passou também por um processo de “informatização” e acompanhou toda essa velocidade. O linguista Fiorin (2008) fala dessa mudança em um texto encontrado no site da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) intitulado: “A internet vai acabar com a língua portuguesa?” Neste, aborda alguns dos principais agentes dessas mudanças no uso da língua na linguagem midiática, como, por exemplo, os empréstimos de palavras oriundas do inglês (mouse, deletar, printar, etc).

Também faz referência a uma nova práxis enunciativa quando descreve as mudanças e “novas formas” que as palavras do léxico ganham nesses canais, exemplificando assim: aqui> aki; não> naum; beleza> blz; gata> gt; hoje> hj; todos> tds; riso> rs. Para o autor, não há problema que esses usos sejam feitos nesses canais de interação e informação, pois é mais do que natural

³ Para quem não sabe, normalmente os endereços de e-mail vêm com @ (arroba) logo depois do nome do usuário. @ em inglês significa “at” (em), isto quer dizer que o usuário encontra-se ou está nesse domínio (endereço eletrônico), segundo Karasinski (2009).

uma evolução da língua decorrente da comunicação moderna e também um reflexo da oralidade na língua escrita, pois cita esses exemplos desse fato: triste> tristi; ovo> ovu.

Fiorin conclui que esses usos não afetarão o aprendizado e o uso da ortografia das palavras, já que em outros canais, na produção manuscrita de textos, faz-se a correta grafia dessas e de tantas outras palavras. Ele salienta que a única diferença marcante do uso da língua escrita na internet é que ela passa a ser utilizada mais informalmente, isso significa dizer que há uma tácita permissibilidade dessas ocorrências no uso da escrita nesse contexto comunicativo.

A vírgula na concepção gramatical

Como mencionado na introdução, é importante saber os pareceres da gramática sobre o uso da pontuação, da vírgula para o bom entendimento de textos, isto é, a capacidade plena de análise, produção e recepção dos mesmos.

Os diversos autores de gramática são quase unânimes ao afirmarem que a vírgula é essencial para “dar plenitude” aos textos, sejam eles falados, sejam eles escritos, já que a vírgula na fala representa as pausas necessárias no decorrer do discurso, da entonação, e na escrita representa as pausas da leitura ou mesmo do ato de escrita, pois organiza e divide as ideias que compõem cada parte de um texto, visto que a escrita é a representação gráfica da fala. A partir de agora, ver-se-ão algumas considerações de renomados gramáticos acerca da vírgula e de sua essencial utilidade na produção de textos.

Cereja (1999, p. 314) começa a sua seção sobre o assunto definindo a pontuação, que descreve como as marcações feitas na escrita para as diferentes entonações, alcançando, assim, mais precisão no sentido que se quer dar ao texto, ou seja, a pontuação é a representação das pausas da fala na escrita, o que possibilita que o texto seja bem organizado e plenamente compreensível. Depois, o autor vai especificamente ao tratamento da vírgula, enfatizando o que se considera o básico de qualquer produção textual: a vírgula JAMAIS será empregada nas relações entre sujeito/predicado e verbo/complemento, análise que terá maior destaque neste artigo.

Já Sacconi (1994, p. 457) é muito categórico ao explicar sobre o uso da vírgula, pois traz como um subtítulo dessa seção a seguinte expressão: “O PODER DA VÍRGULA”, em que descreve um caso de morte na Inglaterra por causa do emprego errôneo da vírgula. O rei vai declarar se o réu é culpado ou inocente e o seu decreto seria este:

“Perdoar, impossível mandar pra força”, mas acabou sendo assim: “Perdoar impossível, mandar pra força”. Pode-se perceber que na primeira frase está claramente expressa a ideia de perdão, o que já não ocorre na segunda, fato que se deve à mudança de posição da vírgula na

estrutura frásica. Sacconi também faz menção ao uso da vírgula na relação entre os termos sintáticos mencionados acima e diz que é totalmente imperdoável fazer o uso de vírgula entre elas.

O conceituado site Só Português define a pontuação mais ou menos conforme os autores mencionados ao dizer que esse recurso estrutura as frases, deixando mais claros os sentidos, afastando vários problemas consequentes dos seus maus usos, tal como a ambiguidade; e, com relação à vírgula, enfatiza a sua importância para estabelecer as pausas curtas e menciona diversos casos nos quais ocorre essencialmente o seu uso.

Dois outros notórios gramáticos no país expõem em suas gramáticas a inerência da pontuação à produção textual escrita, evidentemente também da vírgula. Para Cunha (1985, p.626), a vírgula é a responsável por organizar um texto; por promover as pausas; a separação das palavras e expressões dentro de uma oração, como também separar distintas orações em um único período.

Para fazer referência às relações de sujeito/predicado e verbo/complemento, ele diz que os termos essenciais e integrantes da oração não devem ser separados e afirma que, por isso, não se deve separar a oração subordinada substantiva da sua principal, como preconiza Cunha (1985, p. 632). Também enumera, na seção de sua gramática sobre a pontuação, diversas situações em que o uso da vírgula é fundamental.

Já Bechara (2006) inicia assim o seu parecer sobre a pontuação:

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que “vestem” os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos são essencialmente unidades sintáticas, “sinais de orações” e “sinais de palavras”, podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo o seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema, uma vírgula uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas. (BECHARA, 2006, p.604)

Logo depois, o autor (ibid) ressalva a importância da pontuação para o entendimento do texto e enfatiza que o enunciado não pode ser construído apenas por um amontoado de palavras e orações, pois se organiza de acordo com regras gerais de dependência e independência sintática e semântica, promovidas por unidades melódicas e rítmicas que delimitam estes princípios.

Segundo ele, utilizar palavras e construir orações sem esses aspectos melódicos e rítmicos prejudica inevitavelmente a função comunicativa de qualquer enunciado, pois a pontuação é

quem garante no texto escrito a solidez sintático-semântica. A seção sobre vírgula, por sua vez, como nos outros autores, descreve os casos essenciais de uso da vírgula.

Por tudo que foi exposto sobre as considerações dessas distintas fontes a respeito da pontuação e da vírgula, pode-se entender que é praticamente consensual a noção de que a pontuação é essencial à leitura, interpretação e escrita de textos, independentemente do gênero, uso, situação ou canal de transmissão, pois não fazem nenhuma ressalva quanto a isso.

Além de darem à vírgula lugar de destaque na modalidade escrita da língua, descrevem, de uma maneira geral, os casos de sua ocorrência, que podem ser mais ou menos entendidos assim, resumidamente, de acordo com Cereja (1999, p. 315):

Dentro da mesma oração

- 1) Para separar termos de mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos);
- 2) Para isolar o aposto;
- 3) Para isolar o vocativo;
- 4) Para isolar o adjunto adverbial;
- 5) Para isolar expressões explicativas;
- 6) Para isolar o nome de um lugar anteposto à data.

Entre as orações

- 1) Para separar as orações coordenadas assindéticas;
- 2) Para separar as orações coordenadas sindéticas, com exceção das introduzidas pela conjunção **e**;

O mesmo autor ressalta (1999, p. 316) que as orações subordinadas substantivas não podem ser separadas por vírgula, com exceção das apositivas, fato que leva à conclusão de que os termos essenciais e integrantes da oração não se separam por vírgula e a relação sujeito/predicado e verbo/complemento dispensa o uso desse sinal de pontuação.

No *Facebook*, é notória “a quebra” desse princípio do uso de pontuação e, como consequência, o emprego errôneo da vírgula em diversos textos, assunto que será tratado na próxima seção.

A vírgula no *Facebook*

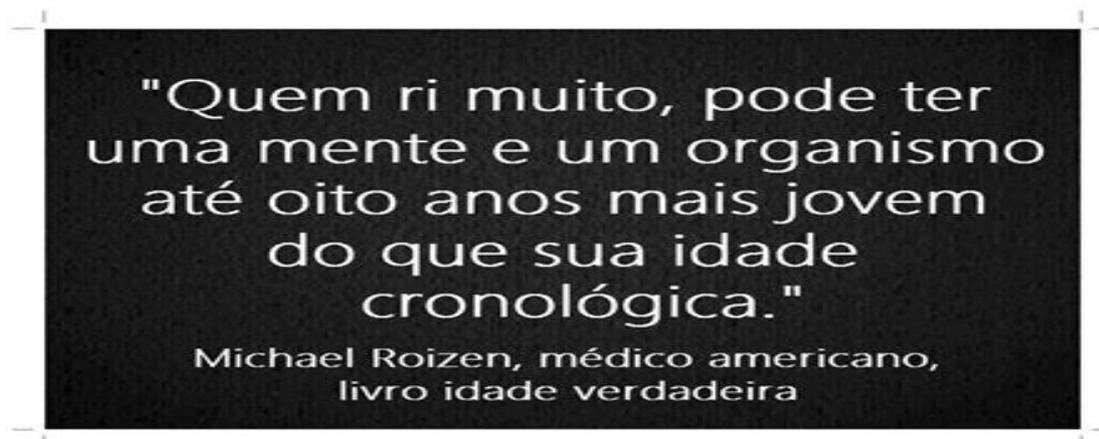
Não é difícil encontrar nas mensagens diariamente veiculadas no *Facebook* variados usos “incorretos” da língua, desde desvios de regras ortográficas aos empregos errôneos da pontuação,

casos, evidentemente, distintos aos expostos por Fiorin (2008) em seção anterior. Muitas vezes, segundo Duarte do *blog Português: o seu estilo da Língua Portuguesa*, devido à concepção de linguagem e comunicação rápida, encontram-se muitos erros em interações eletrônicas, dentre os quais são comuns excessos ou falta de sinais de pontuação. Fato que prejudica e limita a eficácia da mensagem.

O uso adequado da pontuação, como já descrito acima, ainda é fundamental para que os textos sejam entendidos e, provavelmente, nunca o deixará de ser, mas nessa mídia social são encontrados com muita frequência vários empregos inadequados da vírgula, situação facilmente perceptível para quem tem uma razoável competência no uso desse sinal de pontuação.

Os erros com maior incidência referem-se ao sujeito/predicado e ao verbo/complemento, que, como já entendido, não permitem o “corte” ou pausa estabelecida pela vírgula. No entanto, os textos do *Facebook* parecem não ter muita familiaridade com essa situação gramatical, a exemplo deste *post* lá encontrado:

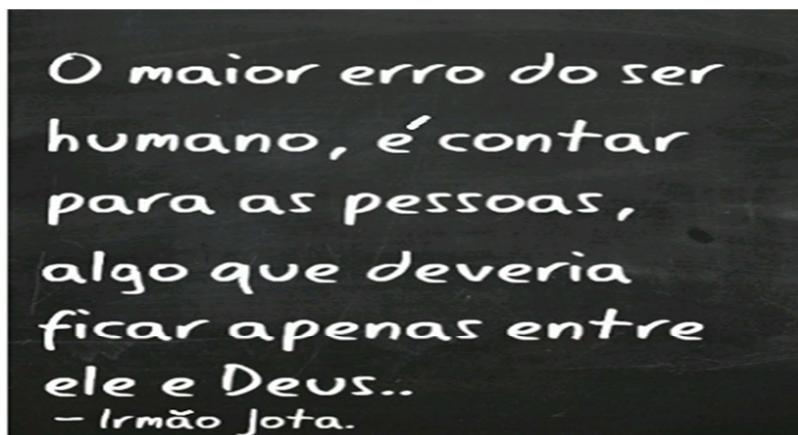
Figura 1



Para um mediano conhecedor das normas gramaticais acerca de pontuação, é evidente o emprego errado da vírgula nessa situação, pois há a “quebra” da relação sujeito (Quem ri muito)/predicado (pode ter uma mente e um organismo até oito anos mais jovem do que sua idade cronológica), que assim deveria estar disposta: “Quem ri muito pode ter uma mente e um organismo até oito anos mais jovem do que sua idade cronológica.”

Essa sentença linguística deveria ser apresentada sem a utilização de vírgula, como acima foi feito e como preconiza a normatização gramatical. Essa situação é muito frequente nesses *posts* publicados no *Facebook*, sem que haja qualquer intervenção ou reflexão dos milhões de usuários que com eles estão em contato direta e diariamente. Em outro texto, está em evidência o erro relacionado às duas relações:

Figura 2



Nota-se que existem dois empregos de vírgula neste *post*; no primeiro caso, a vírgula se dispõe entre o sujeito e o seu predicado; no segundo uso, ela está separando o verbo e o seu complemento, respectivamente: contar/ algo que deveria ficar... Para afastar toda e qualquer ambiguidade nesse texto, deve-se eliminar a primeira vírgula (que ali não cabe em hipótese alguma), transferindo-a para depois da palavra “**contar**”, transformando a expressão “para as pessoas” em apostro explicativo: “O maior erro do ser humano é contar, para as pessoas, algo que deveria ficar apenas entre ele e Deus.” Pode-se ainda construir essa sentença linguística de duas outras maneiras, sem prejuízo de sentido e de modo inteligível:

1) Eliminando todas as vírgulas:

“O maior erro do ser humano é contar para as pessoas o que deveria ficar entre ele e Deus.”

2) Eliminando a expressão “para as pessoas”, pois ficaria subentendido que quem conta algo conta algo “para alguém”, “para outra(s) pessoa(s)”:

“O maior erro do ser humano é contar o que deveria ficar entre ele e Deus.”

Ver-se-á agora um texto postado no *Facebook* por um profissional da educação, diretor de uma escola da Rede Pública do Distrito Federal, cuja identidade será preservada por motivos éticos, mas o conteúdo é público e muito importante para essa análise:

“A Educação tem que ultrapassar os muros da Escola. Aqueles nem deveriam existir. Quando o aluno depreda o patrimônio público *e, o responsável pelo mesmo, faz pouco caso...* A Educação sofre profundo golpe. Pais, Mães, Responsáveis assumam seus tutelados, não deixemos nossos jovens tão largados. Melhor Educar agora e não se arrepender depois.”

Como se sabe a procedência desse texto (em termos de nível escolar), muitas considerações podem ser feitas a respeito do uso da pontuação e da vírgula no *Facebook* nesse caso específico. Primeiro, a análise do texto. A partir do segundo ponto final, observa-se um período composto por subordinação, que seria: “Quando o aluno depreda o patrimônio, a educação sofre profundo golpe”. Mas dentro do período aparece uma oração intercalada, a fim de fazer ressalva ou explicação: “*e o responsável pelo mesmo faz pouco caso*”. O trecho deveria assim estar disposto (adaptado para o contexto normativo do uso):

“Quando o aluno depreda o patrimônio público, e o responsável pelo mesmo faz pouco caso, a educação sofre profundo golpe”.

O erro referente ao uso de vírgulas está justamente na parte em itálico do texto escrito pelo educador, em que a primeira vírgula seria empregada antes da conjunção “e”, iniciando a delimitação da oração intercalada e com a segunda vírgula depois da palavra “caso”, finalizando assim a oração intercalada.

O primeiro erro consiste na confusão marcada pelo emprego da vírgula dentro da oração intercalada, o que, de certo modo, “desconfigura” a noção de subordinação, pois a conjunção “e” não faz parte da oração subordinada. O segundo erro de vírgula, por sua vez, separa o sujeito (da oração intercalada) do seu predicado, infringindo desse modo o princípio básico da sintaxe já expostos tantas vezes ao logo desse artigo. Há também outro erro quando o autor separa, por reticências, a oração subordinada da oração principal, respectivamente: “quando o aluno depreda o patrimônio público” e “a educação sofre profundo golpe”.

Diante de todas essas análises, cabem as perguntas:

- 1) Há como identificar “os autores” de mensagens ou *posts* do *Facebook* que empregam a vírgula erradamente pelo seu grau de escolaridade?
- 2) Por causa do nível de escolaridade (superior) do autor do último *post* usado como exemplo, podem-se responsabilizar a dinamicidade e a velocidade desse canal de comunicação como os principais agentes dessas ocorrências?
- 3) O erros de vírgula encontrados no *Facebook* são reflexos da incompetência gramatical oriunda do próprio ensino de língua e produção de textos na escola?

4) Será que o textos com usos errados de vírgula, veiculados no *Facebook*, conseguem produzir e transmitir os sentidos que almejam?

Essas perguntas serão respondidas na conclusão desse artigo. No site Blogger, encontra-se um *blog* (Erros do *Facebook*) destinado ao tratamento dos erros gramaticais encontrados no *Facebook*, dentre os quais destacam-se os casos de vírgula. Como se vê nesta imagem:

Figura 3



Falta vírgula para separar o vocativo na primeira frase; falta vírgula para marcar o deslocamento da oração subordinada no período composto.

Como descrito na legenda da imagem, neste caso há a falta do uso essencial de vírgula, que deveria ser usada no primeiro caso assim: “Irmã, eu te amo!”, pois, como ocorrido na imagem, tem-se a ideia de que o nome da irmã é “Eu te amo”. Já no segundo, deste modo: “Se você ama a sua irmã também, compartilha”, já que assim o uso da vírgula marca o deslocamento da oração subordinada adverbial condicional (equivalente a advérbio), que vai até a palavra “também”.

Essas considerações são feitas pelo autor do *blog*, que faz também outras referências a respeito do uso errado de vírgula nessa mídia social, o que, de certo modo, responderia à pergunta número 2, lançada acima, pois demonstra que, embora a linguagem da internet seja essencialmente dinâmica e veloz, não pode prescindir do uso da vírgula, agente essencial para o desenvolvimento do texto, já que o próprio *blog* pede cuidado ao seu leitor na hora de compartilhar textos e ideias encontradas nessa rede, exatamente por causa dos inúmeros erros e da questão gramatical.

Isso é uma prova de que há preocupação com essa problemática, mesmo nesse próprio tipo de linguagem. Mais um exemplo disposto no *blog* confirma essa afirmação:

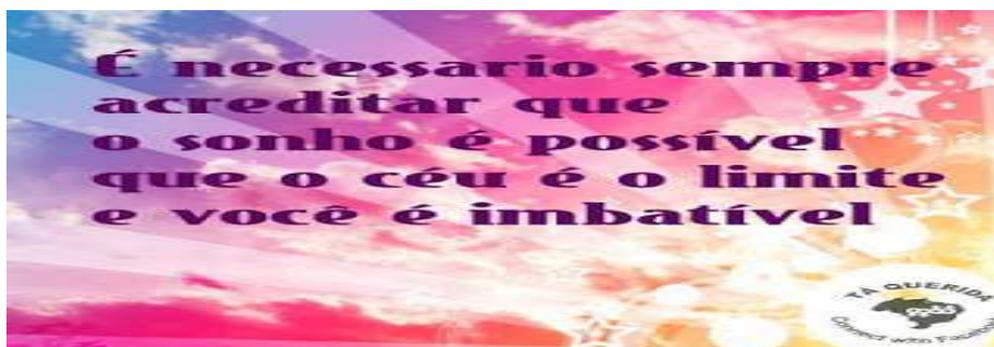
Figura 4



Deve haver separação, por vírgula, de orações com sujeitos diferentes, mesmo diante do uso da conjunção e, o que não foi feito.

A próxima imagem apresenta, além do problema de vírgula do caso anterior, mais uma falta do uso essencial desse sinal de pontuação:

Figura 5



Constatam-se na imagem os seguintes erros: temos um período composto por subordinação, em que a oração principal, que vai até a palavra “acreditar”, tem três orações subordinadas: o sonho é possível/ o céu é o limite/ e você é imbatível.

Estas três orações subordinadas exercem a mesma função sintática, sujeito, e, portanto, seriam separadas por vírgula automaticamente, até mesmo a última, cujo erro é o mesmo que ocorre na figura número 4; porquanto a conjunção “e” não elimina o uso da vírgula, uma vez que há duas orações e dois sujeitos (céu e você, respectivamente).

Considerações Finais

Fica subentendido que há pelo menos duas razões lógicas para acreditar que a falta ou o emprego errôneo de vírgula na rede social *Facebook* não é um “efeito da velocidade desse canal de comunicação” ou da linguagem midiática moderna no geral. Como visto, primeiramente pela opinião de todas as fontes que tratam desse assunto, o uso da pontuação e da vírgula nunca perderá a sua crucial importância para o uso da modalidade escrita da língua, especialmente a denotativa.

Depois, pelo fato desse assunto ser tratado na própria internet, como no exemplo do *blog* “*Erros do Facebook*”; ou se se leva em consideração que existem páginas dentro dessa própria rede destinadas ao tratamento de questões gramaticais e à primazia do uso correto das regras gramaticais normativas. Ou seja, há “uma cobrança” de alguns membros do próprio sistema de comunicação digital, das redes sociais, para que as regras gramaticais sejam utilizadas e deem ao que é lido, nessa mídia (exemplo após o parágrafo) e nas outras, a compreensão exata dos significados, do que se quer dizer, afastando, desse modo, qualquer possível alteração sintático-semântica.

Figura 6- Página de Língua Portuguesa disposta no *Facebook*.



Existe também o fato da dúvida de como são recebidas as “informações” contidas nesses *posts*, porquanto, como destacado em exemplos acima, o uso incorreto da vírgula pode causar evidentes alterações nos sentidos das mensagens. Acredita-se, pelo que foi explanado, que os leitores que conheçam razoavelmente as regras ou dominem o uso desse sinal possam entender “o real significado da mensagem”, mas com a consciência dos erros ali ocorridos.

Já os leitores “leigos no assunto” deixarão que esses desvios passem despercebidamente e podem, evidentemente, ter várias interpretações do que leem ou também compreender o real significado do texto (a intenção do autor), o que ocorre, de modo presumível, em grande escala, visto que existe, supostamente, a comunicação diária em grande massa por essa rede social.

No entanto, isso não pode ser tido como um fator positivo para a produção de textos no geral e digitais, pois, como demonstrado ao longo do artigo, a vírgula empregada erroneamente pode confundir o receptor da mensagem e distorcer a informação que se deseja transmitir. Do mesmo modo, quando há a sua falta, a comunicação pode ter grandes prejuízos sintáticos e, como consequência natural, semânticos.

O caso do *post* do usuário com nível superior é um forte indício de que esse problema não esteja necessariamente atrelado à questão da escolaridade, pois demonstra que usuários com maior nível de escolaridade também são passíveis de utilizar equivocadamente o sinal de pontuação em questão. Sugere que a ocorrência desses erros pode ter como agentes alguns fatores essenciais: falta de maior cautela na hora de escrever, aprendizagem deficiente, ou mesmo desconhecimento parcial/total das regras.

A falta de um uso mais cuidadoso da língua na produção dessas mensagens (pelos usuários que dominam as regras e que com elas tiveram maior contato) é o que leva a entender situações como o texto do indivíduo graduado e diretor de escola, que lida diariamente com a produção de textos, comunicados gerais da escola, relatórios, etc.

O deficiente processo de ensino-aprendizagem dos sinais de pontuação na escola (no caso dos usuários que desconhecem essas regras ou que com elas tiveram pouco/nenhum contato) é a problemática mais grave nesse contexto. Esses usuários da língua terão, evidentemente, maior dificuldade de produzir textos escritos com plenitude e também de interpretar os que leem. Isso pode ser um dos fatores desencadeantes de um processo linguístico de analfabetismo funcional? Fica aí uma boa questão para investigações posteriores: a relação da pontuação e a insuficiência na interpretação textual. Essas situações são bem plausíveis para compreender a ocorrência da situação-problema em discussão.

É importante enfatizar também que, muito provavelmente, o emprego equivocado ou a falta de emprego de sinais de pontuação nas redes sociais e na internet possam ser mesmo um contínuo do mau uso da língua escrita, na prática de produção textual, em outras situações cotidianas que não utilizam o espaço digital para a comunicação. Também é razoável crer que, devido à grande incidência “de erros” gramaticais dispostos no meio digital, as redes sociais sejam um contribuidor direto para a expansão e perpetuação desse problema.

Para que esses desvios gramaticais referentes à pontuação (especialmente a vírgula) sejam cada vez mais evitados, é fundamental se tomar algumas medidas. Primeiramente, levar aos usuários dessa rede (e da internet no geral) a conscientização da importância da pontuação para a produção e leitura de textos, independentemente de onde sejam escritos, como nos casos de redes sociais, nas quais os usuários, muitas vezes, têm a concepção de que a língua pode ser absolutamente manipulada e que podem, assim, “burlar” algumas regras que são essencialmente importantes para o entendimento de uma mensagem. Isso pode ser feito, mesmo que as redes sociais não tenham responsabilidade direta na educação linguística.

Algumas, inclusive, já fazem esse trabalho e podem contribuir significativamente para alertar sobre questões que envolvem o uso da língua, tanto no seu próprio espaço quanto em outras situações de utilização da língua escrita. Como aponta Marchini (2008), a internet deve integrar-se aos recursos tradicionais de ensino, pois, além de facilitar a aprendizagem, possibilita o ganho de tempo. Isso não tem de estar atrelado, necessariamente, a sites específicos para o ensino. Pode ganhar cada vez mais notoriedade nesses canais interativos, inclusive alertando os usuários do cuidado que se deve ter ao compartilhar *posts*, que, muitas vezes, contêm problemas de ordens ortográficas e de pontuação.

Professores (que sejam usuários das redes), em especial os de língua portuguesa, podem ser contribuidores diretos para o fortalecimento da consciência linguística nas mídias sociais. Sempre que possível, compartilhando boas ideias sobre assuntos linguísticos, sem críticas demasiadas e sem estigmatizar o uso mais informal da língua. Apenas com as noções de “certo e errado” aplicadas a cada contexto. Enfatizando, assim, a importância de cada uso para sua prática social específica.

Esse assunto é, na verdade, de responsabilidade primeira da escola, das aulas de língua portuguesa, como também de outras disciplinas. Primeiro, para se ensinar língua, é preciso concebê-la socialmente (pressuposto indispensável segundo Halliday, 1998), como um bem repleto de traços culturais. Desse modo, haverá um processo mais efetivo de ensino-aprendizagem, que hoje deve partir especialmente da discussão sobre a relação da língua com a linguagem midiática/tecnológica e do quão é importante entender algumas questões linguísticas inerentes à utilização do texto escrito, que, mesmo no mundo virtual, ainda mantêm a sua primazia, como o uso da vírgula.

Do mesmo modo, fica evidenciado que é importante trazer como pauta nas aulas de Língua Portuguesa, o máximo possível, questões que envolvam os múltiplos usos da linguagem, ainda mais quando se trata dos seus novos modelos associados ao uso midiático e virtual, já que, cada vez mais, “invadem” a nossa vida. Vilaça e Araújo (2012) enfatizam que hoje já não temos muitas opções de interação social além das novas tecnologias da comunicação, que são uma realidade/necessidade e não mais uma possibilidade, não somente para a comunicação em si, mas também para muitos outros fins que envolvem a vida do homem social moderno, como o trabalho, a aquisição de conhecimentos e informações diversas, entre tantos mais.

Como descreveu Fiorin (2008), a linguagem (língua) acompanha a evolução do homem e é necessário esclarecer o que muda e o que permanece, o que pode e o que não pode, onde pode e onde não pode. Isto é essencial, pois, como menciona Halliday (1994), a língua é utilizada social e contextualmente, de modo que este uso pressupõe adequabilidade do seu falante/escritor, ou seja, as escolhas linguísticas serão baseadas no contexto e ambiente de comunicação.

Vendo por esse prisma, seguramente, maiores problemas relacionados às questões linguísticas no *Facebook* e/ou em outras redes sociais serão, na medida do possível, evitados, dando ao seu usuário mais precisão e segurança na sua produção de textos, sentidos e, conseqüentemente, mais clareza em sua comunicação, como também uma consciência mais condizente com as reais “dimensões” da língua.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. *A Vírgula*, 2013. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/abi-virgula/>>. Acesso em: 29 abr. 2015.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*.- 37. ed. rev. e ampl. 16°. Reimpr.- Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BOTTAN, Graciele. *A evolução histórica da comunicação e as mídias sociais*. Liderança Estratégica em Comunicação Digital (Lecom S/A), 2010. Disponível em: <<http://www.lecom.com.br/lecom/Portugues/detMidia.php?codnoticia=1028>>. Acesso em: 29 abr. 2015.
- BLOGGER. *Erros do Facebook*. 2013. Disponível em: <<http://errosdoface.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2015.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 48. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CEREJA, Willian Roberto. *Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação*. - São Paulo: Atual, 1999.
- COUTINHO, Isabel. *Saramago- O escritor que brinca com a pontuação*, 2010. Disponível em: <<http://blogues.publico.pt/ciberescritas/2010/06/23/saramago-o-escritor-que-brinca-com-a-pontuacao/>>. Acesso em: 22 ago. 2015.
- CUNHA, Celso. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.
- DINIZ, Kelly Christine Lisboa. *A Contribuição dos Gêneros Emergentes (hiper[textos]) para as novas leituras e escrita*. Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro, v. XI, n. 07, 2008.
- DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. *A redação eletrônica- aspectos pertinentes*, 2012. Disponível em: <<http://www.portugues.com.br/redacao/a-redacao-eletronica-aspectos-pertinentes.html>> Acesso em: 10 jun. 2015.
- FIORIN, José Luis. *A internet vai acabar com a língua portuguesa?* Revista Texto Livre- UFMG. Minas Gerais, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/arquivos/matte/ievidosol/Fiorin.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2015.
- FACEBOOK. *Espaço voltado para a divulgação da Língua Portuguesa*, 2011. Disponível em: <<https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/timeline>> Acesso em: 24 jun. 2015.
- FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa*. 1ª ed. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2014.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An introduction to functional Grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 1994.
- _____. *El lenguaje como semiótica social - la interpretación social del lenguaje y del significado*. Santafé de Bogotá, Colômbia: Fondo de Cultura Econômica, 1998.
- SOUZA, Diego. *Internet e Brasil. Dados e estatísticas*, 2013. Disponível em: <<http://www.nuvemlab.com.br/blog/internet-brasil-dados-estatisticas-2013>>. Acesso em: 21 ago. 2015.
- KARASINSKI, Eduardo. *A história do e-mail*, 2009. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/web/2763-a-historia-do-email.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2015.
- KOMESU, Fabiana. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. In: MARCUSCHI. Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.110-119.
- MARCHINI, Ana Adélia. *A internet como meio de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa: um roteiro para sites*. Cornélio Procópio, 2008. 31f. Produção Didático-Pedagógica- Secretaria de Estado da Educação, Universidade do Norte do Estado do Paraná, Cornélio Procópio, 2008.
- POSTER, Mark. *A segunda era dos media*. Tradução de Maria J. Taborda e Alexandra Figueiredo. Celta: Oerias, 2000.
- SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa Gramática: teoria e prática*. 28. edu. ver. atual. São Paulo: Habra, 2004.

SANTOS, Sônia Terezinha dos. *Redação na Escola: gêneros textuais e objetivos comunicativos na 3ª série do Ensino Médio em escolas públicas de Santa Maria-RS*. Santa Maria, 2001. 109f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS, 2001.

SÓ PORTUGUÊS. *Sinais de Pontuação*. 2007-2014. Disponível em: <<http://www.soportugues.com.br/secoes/fono/fono30.php>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; ARAÚJO, Elaine Vasquez Ferreira. *Questões de comunicação na era digital: tecnologia, cibercultura e linguagem*. Revista e-escrita, Nilópolis, v.3, número 2, Mai. - Ago. 2012. Disponível em: <<http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/re>>. Acesso: 04 maio 2015.

Chegou em: 25-06-2015

Aceito em: 05-09-2015